

Artigo

A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E SUAS TIPOLOGIAS OBSERVADAS NOS MUSEUS DA CIDADE DE MANAUS ATRAVÉS DA NARRATIVA HISTÓRICA

Por Wenderson Macedo de Lima

RESUMO: O presente artigo faz parte de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica, vinculado à Universidade Federal do Amazonas, tendo como alvo iniciar uma discussão sobre as narrativas históricas construídas dentro de espaços museais da cidade de Manaus, no tempo presente. Assim como as escolas da educação básica, esses espaços também produzem o que os historiadores chamam de Consciência Histórica. Primeiro, traçando uma discussão acerca do desenvolvimento de consciência histórica dentro do campo da didática da História, em seguida discutindo experiências de campo nos museus da cidade de Manaus.

Palavras Chaves: Consciência histórica; Ensino de História; Aprendizado histórico; Museus.

Introdução

Este texto é fruto de uma pesquisa acadêmica intitulada “A construção de consciência histórica através dos museus da cidade de Manaus no tempo presente”, financiada pelo Programa de Cooperação Acadêmica (PRO-CAD), nos anos de 2018/2019. A pesquisa tinha como objetivo construir reflexões e análises acerca das construções de narrativas por museus da cidade de Manaus/Am, organizados pelas secretarias municipais e estaduais de Cultura. Essas reflexões estão baseadas nas teorias do historiador e filósofo Jörn Rüsen

sobre o aprendizado histórico, narrativa histórica e suas tipologias, geradoras de uma consciência histórica em cada indivíduo que está em contato com esses museus e suas diferentes narrativas.

As experiências obtidas através das leituras feitas das obras de Rüsen, juntamente com outros diversos artigos sobre a relação dos museus e educação, despertou em mim uma análise voltada para o campo da história, especificamente da Didática da história e o Ensino de história para além da sala de aula e da disciplina escolar. Como os museus são espaços de produção de narrativas históricas, é

importante um olhar histórico sobre os resultados que se tem gerado com as exposições que se concentram nos espaços e quais os impactos na formação de identidade da sociedade manauara.

A pesquisa se trata de aplicar as teorias de Rüsen sobre consciência histórica aos espaços museais, numa perspectiva mais teórica, e tendo como prática as observações feitas em visitas ao Museu da Cidade de Manaus e o Complexo Palacete Provincial, ambos localizados no Centro da cidade. Apesar da Manaus possuir vários museus, esses dois foram escolhidos por seu maior público e por possuírem objetivos diferentes quanto a uma construção de narrativa histórica.

Tentarei esclarecer de início as teorias de Rüsen sobre consciência histórica, aprendizado histórico e narrativa histórica, levantando algumas reflexões das problemáticas trazidas pelo historiador acerca das tipologias de narrativas construídas individualmente ou coletivamente por sujeitos históricos, suas argumentações sobre os conceitos e suas aplicações na vida prática, no caso específico desta pesquisa, aos espaços museais. Na segunda parte, voltarei para os museus e suas narrativas, levantando questionamentos e propondo ideias sobre pensar os museus como construtor de uma história mais crítica e questionadora sobre os fatos narrados da história local da cidade.

Consciência histórica, aprendizado histórico e narrativa histórica

O conceito de consciência histórica é utilizado no campo da Didática da História para entender os processos na formação de identidades individuais e coletivas, no tempo histórico de diversas sociedades. Através do ensino de história e em diferentes espaços de aprendizagem (escola, filmes, jornais, televisão, museus,

centros históricos etc.), os sujeitos são capazes de absorver informações que os ajudarão a criar uma noção de passado, presente e futuro, localizando-se no tempo como sujeitos históricos. O conceito de consciência histórica possui diversas interpretações no campo da filosofia e da história, porém escolhi trabalhar a ideia de que todo ser humano possui consciência histórica como uma das condições da existência de pensamento. Este, pertence ao historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen. Ele afirma que todo ser humano age intencionalmente, interpretando o mundo e a si mesmo, de acordo com suas intenções. Esse agir está na interpretação do tempo onde o passado é interpretado à luz do presente e na expectativa do futuro.¹

A consciência histórica para Rüsen é um processo cognitivo natural e pensar historicamente faz parte da vida de todo ser humano, como nascer, juventude, velhice, viver, morrer. Isto são interpretações que oferecerem aos seres humanos a noção de tempo. A consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não – ela é algo universalmente humano, dada necessariamente com a intencionalidade da vida prática dos homens. Sendo assim, a consciência histórica está inteiramente ligada ao cotidiano das pessoas.

Como somos sujeitos coletivos e individuais ao mesmo tempo, a consciência histórica também se apresentará nesses dois aspectos de reconhecimento do homem como parte de um grupo. Podemos dizer que, subjetivamente, a consciência histórica constrói uma identidade e consciência individual em cada sujeito, uma noção de comunidade, estabelecendo e cultivando ligações que os define como grupo. Logo, essas duas construções andam jun-

¹ RÜSEN, Jörn. Experience, interpretation, orientation: tree dimensions of historical learning. Studies in Meta-history. Pretoria: Human Sciences Research Council, 1993, p.85-93. Tradução para o português por Marcelo Fronza.

tas, isto é, quem somos e quem sou define relações de passado-presente-futuro em interpretações que se relacionam e se orientam no tempo.

Passado, presente e futuro são pontos fundamentais para a interpretação da consciência histórica. É o tempo histórico e a memória histórica que irão possibilitar que a consciência histórica seja construída. Rüsen denomina o tempo histórico de experiência (passado), interpretação (presente) e orientação (futuro) como responsáveis na formação histórica do indivíduo.

O fato de todo ser humano possuir consciência histórica não significa que todos possuem o mesmo nível de consciência. É nesse ponto onde começamos a adentrar nas teorias de Rüsen acerca dos tipos de consciência histórica que se apresentam nas diversas sociedades e em diversos sujeitos. Primeiro precisamos entender que não existe um padrão universal na construção de consciência histórica, o que Rüsen nos mostra é que há tipos de consciência que se constroem ao longo da vida de diversas formas e modos diferentes. Rüsen chama de tipos de consciência histórica.²

A tipologia corresponde a quatro níveis de consciência histórica: a “consciência histórica tradicional”, a “consciência histórica exemplar”, a “consciência histórica crítica” e a “consciência histórica genética”. Esses quatro tipos de consciência determinam diversos fatores de interpretação sobre como um grupo ou sujeito enxerga uma determinada sociedade no tempo. Essa classificação não

tem por intenção de qualificar em escalas ou hierarquizar o saber histórico. Segundo Rüsen, os sujeitos devem transitar em todos os tipos de consciência, onde uma complementa a outra.

Mais do que saber os tipos de consciência histórica, precisamos entender como elas são construídas e de que forma se estabelece uma classificação para tais. A experiência, interpretação e orientação faz parte do que o autor define como dimensões da aprendizagem histórica. Logo, esse é o modo pelo qual a consciência é construída. Aprender faz parte da vida, estamos aprendendo e ressignificando constantemente, é esse aprendizado que irá estimular a consciência histórica, através do conhecimento histórico (passado/experiência), das argumentações (presente/interpretação) tendo função prática (futuro/orientação) na vida.

O aprendizado histórico se dá de diversas formas na sociedade, aprendemos história a todo momento, seja em sala de aula na disciplina de história, seja através das tradições orais de família, bem como nos meios de comunicação (jornal, televisão, internet, cinema, livros), como também em centros históricos, monumentos, galerias de arte e museus; há nisso uma infinidade de meios para a aprendizagem histórica. Mas as diferentes formas de aprendizado implicarão nas formas de consciência que irão se produzir em determinados grupos a partir dos questionamentos feitos no presente. Não se trata apenas de receber o conhecimento, mas este deve ser questionado para que se torne um elemento de discurso, no qual se constrói uma identidade histórica. O que irá determinar principalmente as formas de aprendizado histórico será a narrativa histórica.

O processo do aprendizado histórico através da narrativa histórica possibilitará a cons-

² RÜSEN, Jörn. El desarrollo de la competencia narrativa em el aprendizaje histórico. Uma hipótesis ontogenética relativa a la consciencia moral. Revista Propuesta Educativa, Buenos Aires, Ano 4, n.7, p.27-36. Oct. 1992. Tradução para o espanhol de Silvia Finocchio. Tradução para o português por Ana Claudia Urban e Flávia Vanessa Starcke. Revisão da tradução: Maria Auxiliadora Schmidt.

trução cognitiva de uma consciência histórica. Assim, Rüsen nos mostra quatro abordagens que tentarei explicar sobre como se divide as tipologias e como se interligam.

O primeiro tipo é o “tradicional”. Segundo Rüsen: “as tradições são elementos indispensáveis de orientação dentro da vida prática, e sua negação total conduz a um sentimento de desorientação massiva”.³ Trata-se das tradições passadas por gerações com intuito de serem mantidas vivas. Esse tipo de consciência, quando provida de tradições, faz-se recordar das origens e repetições de obrigações durante o tempo, acontecimentos e valores do passado ainda se mantem em prática no presente. Um exemplo são as práticas religiosas ligadas às diversas formas de interpretação do tempo presente sob uma perspectiva de futuro, através de cultura material e imaterial, narrativas orais ou objetos sagrados. Com relação à aprendizagem e à narrativa histórica, temos a obrigatoriedade da repetição, logo valores são perpassados durante o tempo, a experiência (passado) está pautada em algo dado e pré-estabelecido. A interpretação (presente) é de permanência dos valores e modos de vidas originalmente constituídos. Na orientação (futuro) se caracteriza como uma eterna continuidade de modelo de vida e modelos culturais pré-escritos além do tempo, uma totalidade temporal. Internamente, o sujeito considera a moral como tradição, como uma estabilidade inquestionada de modelos além do tempo. Externamente, o sujeito se afirma por ordens pré-estabelecidas de um modelo comum válido para todos. Temos como exemplo na nossa sociedade ocidental as práticas cristãs disseminadas através da tradição, cultivadas como valores e definida como orientação de caminho para a maioria das pessoas.

³ RÜSEN, 1992, p. 62

O segundo tipo é o “exemplar”. O que define este tipo de consciência histórica não são as tradições, mas as regras. “Se refere à experiência do passado na forma de casos que representam e personificam regras gerais de mudança temporal e conduta humana”.⁴ Aqui a memória histórica é estruturada através dos exemplos de acontecimentos passados, válidos por todo o tempo histórico, estabelecendo regras atemporais onde a história é vista como recordação do passado, como uma lição para o presente, assim a história se torna Mestra da Vida (*historiae vitae maestrae*). Podemos citar como exemplos historiografias clássicas que servem de argumentos para situações do presente ou ideais de Nações contemporâneas que se basearam neste tipo de narrativa exemplar, onde surgem figuras e acontecimentos que inspiram pessoas através do tempo, carregadas de uma moral e um espírito de saudosismo, a construção de uma identidade nacional marcada pela universalização de seus pontos de vista (exemplos como os americanos e os franceses sobre os direitos do homem e do cidadão). Na aprendizagem através da narrativa histórica, temos a conservação de acontecimentos onde não há uma ideia abstrata de mudança temporal, a experiência do passado atravessa o presente e o futuro, numa extensão temporal. O modo de orientação é por regras comprovadas que derivam de situações atuais e é esse tipo de consciência que revela valores genéricos culturalmente materializados no individual e no coletivo. O futuro é orientado pela experiência.

O terceiro tipo é o “crítico”. Apresenta-se como uma nova interpretação por meio do raciocínio histórico questionador. A crítica ao passado é construída por argumentos que oferecem uma “contranarração” àquela estabelecida. Diferentemente da exemplar, esse

⁴ RÜSEN, 1992, p. 65

tipo de consciência constrói críticas através das interpretações e negações do passado no presente. De acordo com Rüsen.⁵

“Aqui há um rompimento com a estrutura de continuidade temporal, surgindo novas perspectivas e pontos de vista quanto ao passado, presente e futuro, assim as tradições e as regras perdem o seu poder como fonte de orientação no presente.”

Na identidade histórica, a história crítica expressa a negatividade do “o que não queremos ser”. Proporciona oportunidades de não nos definimos por modelos prescritos, estimulando uma constituição de identidade pela força da negação. Aqui a crítica desafia os valores e a moral, critica o genérico e a universalização daquilo que compõe o social. Um exemplo da por Rüsen é a luta das mulheres e a produção historiográfica voltada para o estudo de gênero. Na construção de narrativa, temos o desvio de memórias impostas, problematizando o passado e tendo como continuidade a alteração de ideias dadas. “O tempo aqui é um objeto de julgamento”,⁶ isso significa que o discurso histórico deve ser renovado, abrindo espaço para novos modelos de interpretação. É perceptível que a crítica às tradições exemplares hoje causa incômodo. Elas adentram e desestabilizam aquilo que é considerado inabalável, revelando a memória histórica como fruto do presente, do agora. Se orientar no tempo através de uma consciência crítica estabiliza o poder do ser “eu” ou “nós”.

O quarto tipo é o “genético”. “No centro dos procedimentos para dar sentido ao passado encontra-se em si mesmo a mudança. Nessa estrutura, nosso argumento é que os tempos mudam”.⁷ Mudança é o que vai definir este tipo de consciência. A compreensão do passado não se dá pela negação, mas pela

mudança de tempo e transformação da sociedade. Os acontecimentos históricos são importantes para termos uma dimensão do passado, porém esses acontecimentos não são dados como universais, eternos, definidores de regras ou são objetos de negação. “Aqui permite-se que a história faça parte do passado, mas ao mesmo tempo lhe concedendo outro futuro”.⁸ Esta é uma forma refinada de pensamento histórico onde o presente se coloca como uma intersecção entre passado e futuro. O futuro aqui se excede sobre o passado, tem maior destaque quanto as interpretações do presente. A memória histórica se apresenta como mutável no presente, tornando-se mais dinâmica do que os outros três tipos, a aceitação de distintos pontos de vista orienta a sociedade numa perspectiva abrangente de desenvolvimento comum, gerando mudança e transformação no sujeito necessária para a permanência de autoconfiança. Assim, o indivíduo torna-se sujeito histórico que interpreta o seu passado através de uma perspectiva de que o tempo e a sociedade mudam, se orientando dinamicamente conforme seu processo de autodefinição.

É primordial entender que os quatro tipos de consciência apresentados se complementam e não são desassociáveis, nenhum tipo aparece de forma pura e nenhum deles pode ser pensado sem os demais. Por mais que seja complexo, o exercício de identificação desses tipos de consciência histórica na sociedade faz com que os historiadores possam enxergar o aprendizado histórico embasado em teorias que fujam da ideia de didática geral que se instalou no ensino de história como apenas repasse e aplicação de conhecimentos acadêmicos. Os trabalhos desenvolvidos por Rüsen nos mostram uma profundidade sobre o campo da Didática da histórica que fogem do genérico, tratando o ensino e aprendizado histó-

⁵ RÜSEN, 1992, p. 67

⁶ RÜSEN, 1993, p.101

⁷ RÜSEN, 1993, p.68

⁸ RÜSEN, 1993, p.69

rico envolta de teorias e métodos, pensando a didática e consciência história juntas à teoria da história como prática.

As teorias da consciência histórica mostradas aqui refletem em um recorte específico da sociedade, os museus. Tendo esses espaços como objeto de observação e análise, devemos observar as diferentes construções de narrativas nesses espaços e como os indivíduos estão interpretando essas experiências que chamamos de experiências museais.

Experiências museais no centro histórico de Manaus

Os museus históricos tiveram seu surgimento no Brasil a partir da metade do século XIX por iniciativa das elites, onde aparecem os primeiros colecionadores de artefatos e objetos raros trazidos de diversas partes do mundo. A caça e o apreço pelas antiguidades cresciam conforme o capitalismo ascendia nas sociedades ocidentais, a ideia de admiração pelo passado também é alimentada pelos ideais nacionalistas dos diversos países que se constituíam. Inicialmente, o propósito desses colecionadores era apenas guardar os objetos com o intuito de expô-los para seus familiares em reuniões e festas da alta sociedade. Com a necessidade de se afirmar uma identidade brasileira, a busca pelas raízes fez com que essas elites criassem espaços onde a prática da contemplação do passado fosse despertada nos cidadãos brasileiros. Então surge os primeiros espaços com visitação contendo alguns objetos que remetiam a admiração pela cultura ocidental e objetos que faziam parte da construção do Brasil como nação.⁹

Os museus históricos brasileiros atravessaram momentos de transformações no que diz respeito aos investimentos sobre cultura

e informação, e a própria ideia de utilização do museu como complemento à educação do cidadão ganhou desenvolvimento, na medida em que a história se caracterizava como disciplina escolar. Apesar de haver um crescimento na ascensão do consumo de história no Brasil, na metade do século XX, em tempos de ditadura militar, os museus foram transformados não mais como lugares de produção de conhecimento histórico de caráter científico, mas como locais de reforço aos ideais patrióticos. Quando a disciplina de história deixa de ocupar os currículos da educação básica, todo o desenvolvimento entre museu e história e as reflexões acerca do museu como lugar de crítica e questionamento estagnam-se, e os museus ficam fadados ao saudosismo e exposições ligadas ao militarismo e aos feitos políticos do Brasil. As narrativas heroicas tomam conta novamente dos museus.

Com a redemocratização da sociedade nos anos oitenta e noventa, os museus também adquirem novos olhares e novas formas de se pensar seus espaços, a criação de um curso especializado em museologia é reflexo dos diversos questionamentos levantados pelas ciências humanas sobre a importância de pensar esses espaços para além da coleção de objetos e da recreação, a ideia agora era encontrar um espaço para além da recreação, mas que encontrássemos ciência, arte e história, possibilitando uma infinidade de interpretações e ideais aos visitantes desses espaços.

Na perspectiva local, os museus em que desenvolvi minhas observações e reflexões foram: o complexo Palacete Provincial que foi reinaugurado em 2008. Assim, compõe-se o Museu da Imagem e do Som, o Museu de Arqueologia da Amazônia, A pinacoteca do Estado do Amazonas, o Museu de Numismática Bernardo Ramos, o Museu Tiradentes e o Museu da Polícia Militar do Estado do Amazonas.

⁹ BARCA, Isabel. (org). Educação Histórica e Museus. Universidade do Minho, 2003.

Este complexo de museus é organizado pela Secretaria de Cultura do Estado (SEC) e se localiza no centro histórico da cidade de Manaus. Outro museu que também analisei foi o Museu da Cidade de Manaus. Este reinaugurado em 2018, coordenado pela secretaria de cultura da prefeitura de Manaus, localizando onde ficava a antiga prefeitura da cidade, no centro histórico. Esses dois museus possuem características importantes que ao mesmo tempo se assemelham e se diferem. Apesar dos dois museus estarem desenvolvendo atividades parecidas, eles possuem objetivos diferentes. Enquanto o Palacete Provincial possui artefatos e objetos de cultura material, no Museu da Cidade de Manaus o foco é trabalhar para além da cultura material, se utilizando também da cultura imaterial.

O que esses museus apresentam aos seus visitantes, implicará nas relações com o aprendizado histórico. É aqui onde a consciência histórica adentra, através das narrativas construídas nesses museus. O meu papel aqui não é destrinchar o organograma estrutural de funcionamento desses espaços ou adentrar em aspectos da museologia. A ideia é propor uma reflexão sobre o que esses museus estão contando como história. Que tipo de história é essa? Que tipo de consciência histórica esses museus estão estimulando construir na sociedade manauara? Qual o papel das secretarias de Cultura na construção de discursos para os visitantes locais e turistas? Como os museus contribuem para uma formação de identidade histórica e uma consciência histórica social?

Essas questões me levaram a pensar em como o ensino de história está tão próximo dos museus, apesar de ainda esses espaços serem pouco frequentados e divulgados na cidade. A ideia de museu como algo que pertence a uma classe específica ainda é recorrente,

não é um programa de lazer que está sempre na agenda de muitos. Nos museus que analisei, a maioria das pessoas que frequentam são jovens e adolescentes da educação básica. Isso reflete muito a ligação entre museu e escola. Essa ligação não é recente. Desde o início do século XX, os museus já começavam a adquirir esse caráter complementar da educação, aproximando as salas de aulas aos museus, tendo esses espaços quase como laboratórios da disciplina escolar de história. Mas hoje não podemos pensar os museus isoladamente sem o apoio da educação básica no desenvolvimento de projetos que visem o diálogo entre educação e museus, e para que esses dois espaços dialoguem, há todo um processo de organização e acordos entre museus e escolas, sejam eles desde a questão da estrutura e locomoção desses alunos até os espaços e o conteúdo que será trabalhado dentro dos museus.

Nas visitas que realizei nos museus, pude observar os tipos de narrativas presentes naqueles espaços. Primeiro, no Palacete Provincial, encontrei narrativas parecidas umas das outras. Todos os museus desse complexo possuem exposições de objetos em tempo permanente. Cada museu possui pelo menos dois monitores como guias pelo espaço. Entrevistando a organização do complexo descobri que cada guia passa por um treinamento e seleção. Todos são alunos de graduação que possuem relação com as áreas de história, turismo, artes. Esses monitores recebem um texto informativo sobre o determinado museu e decoram essas informações que são repassadas para os visitantes. Espera-se que esses monitores saibam conduzir a visita e instigar os visitantes. Não foi o que presenciei. Todos os guias estavam em modo operante de repetição dos textos passados. O que acontecia é que quando chegava uma turma de estudantes, o guia dava algumas informa-

ções sobre o museu para a turma, em seguida deixava os alunos a vontade para explorarem o local, e a responsabilidade de se trabalhar questionamentos e instigar os alunos ficava a cargo dos professores que se faziam presente. Mas e quando não há professores por perto para questionar os turistas ou visitantes que não estejam ligados a uma instituição de ensino?

Nas minhas observações, os monitores guias do Palacete Provincial também não são estimulados em dar conta de trabalhar uma narrativa que transforma ou questione os visitantes, logo as narrativas que são construídas, tanto nos murais expostos como as informações dadas pelos guias, são contemplativas e soam de modo atemporal. Olhando através dos discursos, enxerguei que as narrativas dos museus que se encontram no Palacete são do tipo “exemplar”, pois todas mostram o passado como algo a ser preservado e atemporal.

Nesse ínterim, o Museu da Imagem e do Som possui várias vitrines com câmeras para a exposição de caráter contemplativo. O Museu de Numismática possui vários painéis informativos para além das vitrines com as moedas expostas, mas também o que sobressai é o caráter contemplativo. Isso se repete em todos os outros museus dentro do Palacete.

De forma alguma não quero construir um julgamento sobre o que é certo ou errado sobre as perspectivas de narrativas desses museus, mas como historiador me questiono se há uma preocupação dos organizadores enquanto a efetivação do aprendizado histórico naqueles espaços. Levando em conta a agência dos sujeitos, vejo que não estão isentos de escolhas e disputas de poder através das narrativas que são contadas ali, pois toda a estrutura desses museus possui um propósito e um discurso. Acredito que o tipo de cons-

trução de consciência histórica vai depender muito do indivíduo que adentra esses espaços, assim como contribuição dos museus sobre a consciência histórica tem um peso significativo.

O caso do Museu da Cidade de Manaus é distinto. Esse museu foi construído recentemente e possui exposições interativas, preocupadas com outras questões que vai para além do lazer e diversão daqueles que visitam. Assim como o Palacete Provincial, o museu da Cidade de Manaus atende turistas, instituições de ensino e o público local. Possui nove salas com exposições relacionadas a cidade de Manaus organizadas pelo curador Marcelo Dantas. A primeira exposição é chamada de Mercado. Essa exposição conta com os principais produtos comercializados e vendidos no centro da cidade, plantas nativas da Amazônia, além de outros objetos utilizados pelos moradores da região. Nesse mesmo espaço há um barril com uma tela onde são contadas por vídeos as principais lendas amazônicas. Outras exposições são os Anéis de Crescimento da Cidade, Os Rios Voadores, Arqueologia da Amazônia – essa exposição conta com um vídeo em realidade virtual sobre os achados arqueológicos na Amazônia – além de exposições de arte, fotografias e vídeos, o museu busca trabalhar a interação dos visitantes com as exposições. Realmente se observa um trabalho empenhado da coordenação que contou com a participação de historiadores, artistas plásticos, entre outros, na construção das exposições. O museu da cidade adota a mesma tática de monitores guias em cada exposição. A diferença aqui é justamente como as exposições, no caso as narrativas, estimulam os visitantes a se questionarem. Todas as exposições levantam questionamentos sem a necessidade de um profissional presente para auxiliar.

Consigo enxergar no museu na cidade algo mais fluido, assim como Rüsen reafirma sobre a fluidez dos tipos de consciência histórica e como elas se complementam, aqui observei uma transição entre os tipos “exemplar”, “crítico” e “genético”, dependendo claro de quem observa. O fato é que as exposições se mostraram mais propícias ao estímulo de uma consciência mais questionadora, que atravessa as concepções de museus apenas como produto de lazer.

Deixo questionamentos sobre o cuidado e atenção que devemos ter com esses espaços. Observamos que as Secretarias de Cultura não estão como destaque nas discussões e pautas dos governos atuais. Os museus ainda permanecem em escanteio num país onde as Ciências Humanas e, principalmente, a História sofre com a desvalorização perante a sociedade e à educação. Defender esses espaços é importante para que não possamos perdê-los novamente. Os museus são espaços essenciais na formação da identidade individuais e coletivas de uma sociedade, merecem atenção para que os discursos construídos nesses locais não sejam defasados, sem que gere incômodo social.

Pensar como esses espaços constroem histórias e narrativas, faz-nos refletir sobre a presença dos historiadores nesses locais como obrigatórias para se pensar uma outra história que fuja do saudosismo. Pensar os museus como espaço de diálogo entre história e sociedade, buscar diálogos que rompam os muros da educação escolar, que adentrem em outros ramos e produza conhecimento para uma sociedade que na modernidade, necessita sempre firmar sua identidade coletiva e individual.

Wenderson Macedo de Lima é Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Amazonas. Membro do G.T. Ensino de História e Educação (ANPUH-AM). Vinculado ao Laboratório de Pesquisas, Ensino e Aprendizagens em História da UFAM. Atua como pesquisador nas áreas de Ensino e Aprendizado em História, Didática da História e História Pública.

Referências

- BARCA, Isabel. (org). **Educação Histórica e Museus**. Universidade do Minho, 2003.
- CAINELLI, Marlene. **Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental**. Revista Educar. Curitiba, p. 57-72, 2006.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- CHICARELI, Larissa S. **Experiência museal: por uma Educação Histórica**. Revista VII Congresso Internacional de História, XXXV Encuentro de Geohistoria Regional, XX Semana de História. Páginas 3195 à 3205. 2015.
- LEITE, Marcelo H. **Qual é o lugar do museu no campo de pesquisa do ensino de história?** Revista XXIX Simpósio Nacional de História. Brasília. 2017
- NAKOU, I. **Museus e Educação Histórica numa realidade contemporânea em transição**. 262 Educar, Curitiba, Especial, p. 261-273. Editora UFPR. 2006
- PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O Museu como lugar de aprendizagem: o tempo histórico**. XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis – SC. 2015
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Editora Argos, 2004.
- RODRIGUES, Ana Ramos. **O Museu Histórico como agente de Ação Educativa**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol. 2 Nº 4, Dezembro, 2010.
- RÜSEN, Jörn. **História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- SCHMIDT, M. Auxiliadora. BARCA, Isabel. MARTINS, Estevão de R. (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**; Curitiba: Editora UFPR, 2010.